

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ**  
**Maria Lourdes Krolikovski**

**AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE EDUCANDAS E EDUCADORAS EM UM  
ABRIGO DE MENINAS**

CURITIBA  
2009

**Maria Lourdes Krolikovski**

**AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE EDUCANDAS E EDUCADORAS EM UM  
ABRIGO DE MENINAS**

**Trabalho referente ao artigo apresentado como  
requisito parcial à especialização em  
Psicopedagogia da Universidade Tuiuti do  
Paraná.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Jurândi Serra Freitas**

**CURITIBA**

**2009**

## RESUMO

Partindo de uma perspectiva psicopedagógica de análise institucional, no texto é relatado um estudo de caso em que o sujeito é uma república de meninas. É abordada a questão das relações afetivas que envolvem as pessoas diariamente na instituição, particularmente educadoras e educandas. Para cada comportamento observado é estabelecida uma relação com teóricos, principalmente da área de conhecimento da Psicologia e Psicanálise. São analisadas algumas evidências que sugerem a falta de conhecimento, por parte das educadoras, do complexo comportamento do indivíduo na fase da adolescência que conseqüentemente gera grandes atritos.

**Palavras-chave:** perspectiva psicopedagógica, relações afetivas, comportamento.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 JUSTIFICATIVA.....</b>   | <b>04</b> |
| <b>2 OBJETIVOS.....</b>   | <b>05</b> |
| 2.1 OBJETIVO GERAL.....   | 05        |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....  | 05        |
| <b>3 AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE EDUCANDAS E EDUCADORAS EM UMA<br/>REPÚBLICA DE MENINAS.....</b> | <b>06</b> |
| 3.1 O ABRIGO E SUA ROTINA.....  | 06        |
| 3.2 A IMPORTÂNCIA DE CONHECER O ADOLESCENTE.....  | 07        |
| 3.2.1 As emoções na adolescência.....   | 10        |
| 3.2.2 A relação entre o inconsciente e o comportamento adolescente.....                         | 11        |
| 3.3 A QUESTÃO DA TRANSFERÊNCIA NA FIGURA DA EDUCADORA.....                                      | 13        |
| 3.3.1 Comportamentos ambivalentes em decorrência da transferência.....                          | 14        |
| 3.3 A HOMOSSEXUALIDADE ENTRE AS EDUCANDAS DO ABRIGO.....  | 14        |
| <b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>  | <b>16</b> |
| <b>5. CONCLUSÃO.....</b>  | <b>17</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>19</b> |

## 1. JUSTIFICATIVA

No Brasil é grande o número de famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade social em que a criança acaba sendo a principal vítima. Devido a situação de precariedade de recursos que sua família vive, muitas delas acabam abandonando a escola, se prostituindo, ou entrando no mundo das drogas. A situação das meninas dentro dessas famílias desestruturadas é ainda pior em consequência de agressões físicas, psicológicas e o abuso sexual cometido na grande maioria dos casos, pelos próprios familiares.

Geralmente quando a situação chega ao extremo é que ocorre a denúncia. Confirmada a ameaça ou violação dos direitos do adolescente o Conselho Tutelar poderá determinar o seu afastamento da família, encaminhando-o para os abrigos com o intuito de ser protegido. Essa medida é provisória e excepcional (ECA artigo 101, VII). Em situações mais graves eles permanecem por longos períodos até completarem maior idade ou então, até o momento em que for possível seu retorno para a família.

Para poder avaliar essas instituições é necessário conhecê-las. Durante o estágio institucional do curso de Psicopedagogia foi possível realizar um estudo da dinâmica das relações entre educandas e educadoras de um desses abrigos que atende apenas adolescentes do sexo feminino, com idades variando de 12 a 18 anos, advindas de famílias diferentes, com históricos diferentes, mas com um ponto em comum: os laços familiares rompidos e uma súbita realidade desconhecida a ser enfrentada.

Nesse trabalho será apresentada a confrontação dessa experiência com algumas teorias do comportamento e desenvolvimento humano, especialmente a psicanalítica.

“[...] toda pessoa deste tipo deveria receber uma formação psicanalítica, pois sem esta as crianças, o objeto de seus esforços, permanecerão sendo um problema inacessível para ele. Uma formação desse gênero é mais bem executada se a própria pessoa se submete a uma análise e a experimenta em si mesma; a instrução teórica na análise fracassa em penetrar bastante fundo e não traz convicção.” (Freud, 1925:342 apud Renata Petri).

## **2.OBJETIVOS:**

### **2.1 GERAL:**

Estudo e observação no âmbito da Psicopedagogia Institucional, das relações afetivas entre as educandas, e, entre estas e as educadoras no convívio diário dentro de uma república.

### **2.2 ESPECÍFICOS:**

- Utilizar os conhecimentos da Psicopedagogia para observar o sujeito “instituição” e sua rede complexa de relações.
- Compreender algumas das variáveis afetivas que determinam o comportamento das pessoas que convivem na república, utilizando principalmente conceitos psicanalíticos.
- Conhecer os pontos de vista de cada uma das classes participantes (educadoras e educandas) em relação à outra.

### **3. AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE EDUCANDAS E EDUCADORAS EM UM ABRIGO DE MENINAS**

#### **3.1 O ABRIGO E SUA ROTINA**

Ao chegarem ao abrigo, as adolescentes se deparam com um ambiente muito diferente daquele em que viviam. Embora a estrutura física seja adequada não é este o local em que elas gostariam de estar. O abrigo mencionado fica na cidade de Curitiba e atende em média trinta adolescentes entre 12 e 18 anos de idade. Possui no momento dez educadoras, uma gerente, uma sub-gerente, três cozinheiras, duas auxiliares de serviços gerais, duas guardas dois motoristas. Durante à noite, a partir das 23:00 horas permanecem na república duas educadoras e uma guarda municipal. O motorista do dia trabalha duas vezes por semana, no período da tarde, o motorista da noite trabalha das 18:00 às 23:00 horas de segunda à sexta-feira, nos finais de semana tem motorista plantonista durante o dia. Duas cozinheiras trabalham no período do dia e uma no período da noite (até às 23:00 horas). As auxiliares de serviços gerais trabalham no período do dia e as suas tarefas são lavar as roupas de cama e banho e fazer a faxina pesada. A casa possui cinco dormitórios onde dormem aproximadamente cinco ou seis meninas em cada quarto. Possui dois banheiros, uma lavanderia, um refeitório, uma biblioteca, uma cozinha, um banheiro para funcionários e uma edícula.

A rotina das adolescentes no abrigo é semelhante ao das adolescentes que moram com suas famílias: frequentam a escola normalmente, fazem cursos e algumas trabalham. As tarefas domésticas são realizadas por escalas. Cada educanda é responsável em manter sua roupa e calçado limpos. Nos finais de semana algumas visitam sua família, desde que, autorizadas pela juíza. O caso de cada menina é acompanhado pela Vara da Infância e Juventude mediante o encaminhamento de relatórios e é sempre buscada a possibilidade de manter os vínculos familiares.

Elas podem permanecer no abrigo até os dezoito anos, mas em situações especiais esse prazo pode ser prorrogado.

Dentro do abrigo cada educadora é responsável por uma tarefa. Existe acompanhamento escolar, acompanhamento médico, acompanhamento profissional, execução de oficinas, entre outras.

### 3.2 A IMPORTÂNCIA DE CONHECER O ADOLESCENTE

Já no início do contato com o abrigo é possível sentir a energia resultante do movimento de ação e reação das pessoas que lá convivem. As educadoras estressadas com tanto conflito tentam entender o porquê do comportamento hostil das adolescentes e as adolescentes desconhecem as razões para as educadoras serem tão estressadas.

Alguns autores colaboram para melhor entendimento dessa fase tida como intermediária entre a infância e a fase adulta, um período de muita turbulência e que se faz necessário o conhecimento de seus aspectos. Assim, é possível adquirir condições para saber agir frente às situações que podem ocorrer, especialmente diante do desafio diário da convivência com trinta adolescentes no mesmo espaço.

Freud (1974, v. XXI) destaca que, na infância a pessoa começa a ter consciência de sua própria existência e também do mundo que a cerca, é o surgimento do EU, marcando o início de referência de identidade. Nessa fase a criança começa a escutar a voz interior, sua iniciativa passa a ser governada pela consciência, absorvendo uma ética de ação dentro do funcionamento da sociedade. Nesse momento a família tem papel fundamental na vida da criança, pois ela precisa ter o sentimento de pertinência, com alguém cuidando dela e o adulto é o mediador entre as normas e regras para se viver autônomo na sociedade e ao mesmo tempo responsável pela proteção e afeto que a criança ainda precisa.

Em conversa com as educandas fica claro que elas apesar de serem vítimas, se sentem culpadas pela situação em que se encontram e responsáveis pelo corte na relação com suas famílias. Ao pensarem desta forma revelam um sentimento de baixa auto-estima. De uma hora para outra os pais ou os responsáveis que eram os mediadores entre elas e o mundo, deixam de ser e, com esse laço desfeito outras pessoas terão que ocupar esse lugar e desempenhar esse papel. No caso específico da república a família original é substituída por um grupo estranho



composto por pessoas de diferentes idades e histórias com as quais a adolescente não possui nenhum tipo de vínculo.

No abrigo há grande rotatividade de adolescentes, visto que, algumas retornam à família e outras passam a ocupar as suas vagas. Poucas permanecem por longo período. Ao chegar ao abrigo cada adolescente tem um comportamento diferente e os fatores mais determinantes são gerados pelo contexto em que aconteceu a situação que resultou no seu abrigamento e, também pela idade.

Algumas acostumadas a viver em liberdade, com falta de limites, em consequência do desleixo dos pais, se sentem sufocadas na casa cercada por muro e portão fechado, andam em volta da casa como se estivessem enjauladas, algumas tentam fugir. Há também as que choram compulsivamente e ficam tristes por longos dias, principalmente as mais jovens.

Nesse período de adaptação já ocorrem alguns atritos entre educandas e educadoras que vão se agravando com o passar dos dias. De um lado, tem a adolescente, que se encontra com a cabeça cheia de dúvidas, à procura da própria identidade e de seu lugar no mundo. Do outro, mulheres educadoras tentando executar seu trabalho com maior eficiência possível, mas que sentem dificuldade em manter seu papel profissional sobreposto ao instinto maternal, aliado a isso a falta de compreensão de que as adolescentes também criam uma expectativa em relação ao abrigo que nem sempre é correspondida.

A rebeldia, agressividade, instabilidade e a formação de grupos dentro do abrigo são comportamentos comuns. Mas ao analisar algumas teorias do comportamento humano pode se concluir que essas atitudes não são de exclusividade do abrigo, fazendo parte da adolescência.

Segundo Minicucci (1987) todo adolescente, passa por um período de transição, em que a importância da família é transferida para o grupo, mas no período em que a adolescente está no abrigo, a família não fica só em segundo plano, ela fica ausente e o seu ambiente de convívio é apenas grupal e aí dá para imaginar o nível de importância que o grupo ocupa na vida da jovem.

Dentro do grande grupo de adolescentes se formam subgrupos que partilham as mesmas idéias e os mesmos interesses, nem sempre positivos. A líder comanda o grupo e para manter o seu poder, geralmente se opõe às regras e normas revelando um espírito de rebeldia reconhecido e respeitado pelas outras adolescentes. Para não se afastar do grupo a adolescente pode se envolver em

situações fora da casa que coloca em risco sua saúde física, mental e social. Dentro da casa, pode resultar em brigas com outras educandas e confronto com as educadoras.

Chega o momento em que a adolescente se volta contra o grupo de forma agressiva, rompendo com ele, é o que Freud chama simbolicamente de “homicídio do pai”. Para a adolescente esse rompimento com o grupo é possível e saudável, já para a educadora é inviável romper com o seu grupo de trabalho.

As educadoras também formam um grupo e tem alguns comportamentos semelhantes aos das jovens. Para manter a autoridade sobre as educandas a equipe de educadoras tem que ser coesa. Essa necessidade faz com que algumas educadoras mesmo não se sentindo bem no convívio com o grupo e discordando da atitude de algumas colegas, se mostram indiferentes, permitindo que valores e crenças pessoais sejam sobrepostos pela vontade do grupo.

Lewin (apud Minicucci, 1987) identifica outros aspectos da adolescência: o adolescente como “homem marginal” dentro do qual o adolescente experimenta conflito entre valores, atitudes e ideologias e, estes conflitos resultam em conflitos emocionais crescentes; o adolescente assume posições extremas e muda abruptamente de comportamento; o adolescente é tímido e sensível, mas ao mesmo tempo agressivo em consequência de sua pouca clareza e desequilíbrio no espaço vital. E quanto ao grupo, Lewin determina que o espaço vital na infância é determinado por outras pessoas e pelo ambiente, na adolescência se aprende a depender de si mesmo, mas há necessidade do apoio do grupo para ampliar esse espaço vital pela exploração de novas regiões.

O ser humano é um ser social, ele precisa do outro para viver e aprender. Se para os adultos que já conquistaram sua autonomia existe a necessidade de conviver em grupo, para os adolescentes ele se torna imprescindível. Desse modo o a preocupação deve recair no jovem que tenta se isolar do mundo e não naquele enaltece o grupo de amigos.

### 3.2.1 As emoções no abrigo

O convívio diário na República é permeado por emoções. É interessante perceber como as adolescentes já ao chegarem ao abrigo, elegem as pessoas para serem amadas ou odiadas. E as educadoras por mais que se esforcem em manter a postura profissional neutra, deixam transparecer que correspondem ao desejo das adolescentes.

Para a Psicanálise existe um lugar hipotético donde provem essas emoções – o inconsciente. Freud (1974, v. XII) considera o inconsciente como o núcleo de toda a vida psíquica. Para ele o inconsciente corresponde às concepções latentes que estão na mente, ativas, mas de maneira não consciente. Ele utiliza o termo transferência para explicar como ocorre essa eleição do amado e do odiado. A transferência se dá de modo inconsciente e acontece quando uma pessoa usa a figura de um estranho para transferir suas experiências pessoais vividas primitivamente, em especial, com seus pais. Quando a jovem transfere para a educadora a imagem da mãe, por exemplo, esta passa a ocupar um lugar especial, perdendo seu lugar inicial para alguém que ela desconhece e, dependendo da forma como aceitou essa condição terá dificuldade em sair dela, tendo que conviver com as consequências desse relacionamento. A criança a princípio está fardada a amar e a admirar a mãe ou o pai que são as figuras mais poderosas e gentis. No entanto, com o passar do tempo, surge o outro lado da relação emocional, e a admiração passa a conviver com a vontade de ocupar o lugar dos pais gerando impulsos hostis que passarão a conviver junto com os gentis e a qualquer momento podem se sobressair.

As emoções também é destaque na obra de Wallon (1975). Para ele, na adolescência há preponderância afetiva nas transformações de ordem psíquica, e a emoção se exterioriza por meio da afetividade de forma direta agindo como descarga de energia, se sobrepondo ao raciocínio. Nessa fase há uma alternância de sentimentos, ao se buscar a consciência de si no outro, há necessidade de se contrapor a ele.

A afetividade permeia também a relação entre as próprias educadoras e, entre estas e as educandas. A heterogeneidade do grupo de educadoras provoca uma confusão no convívio da casa. Sente-se o movimento diferente no abrigo de uma noite para outra quando ocorre a mudança das educadoras. Uma dupla tem dificuldade em manter o abrigo em ordem, a outra não. Ao observar o

relacionamento entre as educadoras é possível perceber que a noite de paz ocorre com as educadoras que tem uma relação afetiva e de cooperação, ao contrário da outra noite em que cada educadora faz a sua parte, mas de forma isolada.

A reclamação mais recorrente das adolescentes é a falta de paciência das educadoras que, segundo elas, se negam a escutar seus argumentos.

Já as educadoras relatam que atualmente a casa (termo usado pelas educadoras) está mais calma, mas que houve épocas em que manter um clima de sossego era muito difícil, pois, havia algumas meninas muito agressivas, que mesmo tomando medicamento controlado, tinham de vez em quando “surto” de agressividade. Elas levantam uma dúvida: Será que essas jovens, pela sua condição, são mais suscetíveis à violência?

Segundo Freud (1974 v. XII) não se pode deixar de levar em conta nesta fase o papel que possui as ações da adolescente para a tentativa de organizar o pensamento, ou seja, uma maneira especial de organizar o estado confusional ocasionado pela crise de identidade. As ansiedades não conseguem ser elaboradas de forma reflexiva como acontece no adulto, o adolescente simplesmente age e agindo transgredir normas da boa convivência. É importante também distinguir as diferenças entre agressividade e violência. Na sua essência a agressividade significa um movimento para frente, é caracterizada então, pela ação e não pelos seus propósitos. A violência é o grau extremo da conduta agressiva com finalidade destrutiva. Entre a agressividade e a violência não há diferença qualitativa, mas de intensidade, o indivíduo nasce com pulsões tanto agressivas quanto amorosas, mas estas se desenvolverão de acordo com os estímulos do meio ambiente há, portanto, fatores constitucionais e ambientais que são determinantes nos comportamentos. Como a grande maioria das adolescentes do abrigo já foi submetida a situações de rejeição parental, brigas conjugais, agressões, humilhações, é possível que a história dessas adolescentes esteja ligada com a predisposição para a violência.

### 3.2.2 A relação entre o inconsciente e o comportamento adolescente

As ações e reações inesperadas das adolescentes despertam interesses em descobrir que fenômenos emocionais desencadeiam esses comportamentos. E, apesar da Psicanálise ser constantemente contestada, ela é capaz de fornecer

instrumentos para o entendimento do que não é observável, incompreensível, portanto, à luz de outras teorias.

Para a Psicanálise o sujeito levado em conta é de um inconsciente não mensurável, que por isso não pode fazer parte daquilo que é observável concretamente, repercutindo, no entanto, no comportamento humano.

As informações contidas em nossa consciência são pequenas, assim, a maior parte fica em um local, por um determinado tempo, em estado de latência, isto é, presente, mas inconsciente.

Mas, a Psicanálise adverte quanto ao fato de que nem sempre há uma equivalência entre as percepções e o inconsciente, pois, as percepções podem ser adquiridas por meio da nossa consciência. O psíquico, como o físico, nem sempre revela a realidade.

Para chegar a nossa consciência, um ato psíquico não deve ser censurado. Caso isso ocorra ele passa a ser reprimido permanecendo na primeira fase que é o ato psíquico inconsciente classificado por Freud (1980. v. VII) como sistema Ics. Se não for reprimido poderá passar para a segunda fase, pertencendo ao segundo sistema, o Cs, não sendo ainda consciente, mas podendo se tornar consciente, por essa característica de se tornar consciente podemos chamá-lo de pré-consciente. Então a censura rigorosa exerce função na transição entre o inconsciente e o pré-consciente.

Para penetrar mais no inconsciente, Freud utiliza além do método de associação livre, duas outras vias de acesso: os atos falhos e os sonhos.

Um fato relacionado com o sonho é descoberto no abrigo, a partir do relato da educadora em que uma educanda de 16 anos de idade, todas as noites sai do seu quarto e vem ao seu lado dizendo que sente medo, não quer dormir, mas não sabe identificar o motivo.

Em conversa com a adolescente, esta revela que acha que o medo é de dormir, pois, sempre tem pesadelos muito reais que a deixa em dúvida se está acordada ou dormindo.

Para Freud (1974, v. XII) os sonhos constituem a linguagem universal do inconsciente. Durante o sono o superego diminui sua censura e permite que o inconsciente se manifeste, mas essa censura não se dá totalmente, por isso no sonho há muitas deformações, não sendo possível identificar lugares, tornando confusa algumas situações. Para essas deformações existem cinco explicações: a

condensação, o deslocamento, a dramatização, a simbolização e a elaboração secundária. A condensação é quando se fundem em uma só imagem dois elementos que possuem algo em comum. O deslocamento tem como característica a substituição de uma tendência ou objeto por outro menos ofensivo. A dramatização é a representação de idéias abstratas de forma concreta em uma ação ou situação. A simbolização é de natureza sexual e certas imagens na verdade representam outras, ocultas. Na elaboração secundária o sonhador coloca certa ordem nas imagens. Assim, todo sonho é uma tentativa de realização de um desejo.

### 3. 3 A questão da transferência na figura da educadora

Como já foi mencionado, a transferência, se dá de modo inconsciente. O que acontece é que essa transferência pode dar a educadora um grande poder de influência sobre a educanda, e quando mal usado pode trazer consequências desagradáveis. Na verdade se engana a educadora que acha que o poder imana de si mesmo. Este poder é gerado pela educanda que por meio de seu desejo inconsciente coloca a educadora em um determinado lugar de poder que caracteriza a sua autoridade. Essa relação educadora-educanda implica em uma relação afetiva na qual a educadora recebe projeções da educanda passando a ser o objeto de uma transferência.

Quando a jovem transfere para a educadora a imagem da mãe, por exemplo, esta passa a ocupar um lugar especial perdendo sua ocupação real para alguém que ela desconhecesse e, dependendo da forma como aceitou essa condição terá dificuldade em sair dela e acabará tendo que conviver com as consequências desse relacionamento.

A jovem que questiona tudo o que é ensinado unindo àquilo que faz sentido para ela, utiliza a transferência como via de transmissão do produto desses questionamentos para a educadora.

Segundo Freud (1974, V. XII) transferência enquanto manifestação inconsciente pode permear qualquer relacionamento humano tendo como principal característica a identificação na figura de uma pessoa da reedição de impulsos e fantasias vividas no passado envolvendo seus pais, irmãos ou irmãs, sendo que dessas imagens (imagos) a que tem maior impacto é a figura do pai e da mãe. Os

relacionamentos posteriores acabam tendo como parâmetro esses protótipos da infância.

### 3.3.1 Comportamentos ambivalentes em decorrência da transferência

Uma frase dita por uma educadora no abrigo chama a atenção e desperta a curiosidade: Elas nos amam e nos odeiam com a mesma intensidade.

Podemos entender esse comportamento pela classificação dada por FREUD (1974, v. XII) como 'ambivalência'. Ela acontece porque a transferência pode abranger atitudes positivas (de afeição) ou negativas (hostis) para com a pessoa eleita pela jovem para ocupar o lugar de seus pais. Na transferência positiva a jovem passará o tempo todo tentando agradar e conquistar o amor da outra pessoa. Para a educadora essa condição acaba sendo muito conveniente e satisfatória, no entanto, como a transferência reproduz a relação que a jovem teve no passado com seus pais, vai chegar um momento em que ocorrerá uma repetição desse passado em função do desejo erótico primitivamente dirigido aos pais que não foi satisfeito. Nesse momento ela se sentirá insultada e desprezada passando então a odiar a pessoa que foi objeto de sua transferência.

### 3.4 A homossexualidade entre as educandas do abrigo

As educadoras relatam que é muito comum encontrar comportamentos que sugerem o homossexualismo entre as meninas e para não incentivar esse comportamento elas são normalmente repreendidas. E elas colocam a seguinte questão: se as adolescentes não forem reprimidas se tornarão adultas homossexuais?

Segundo VICTOR EDUARDO SILVA BENTO<sup>1</sup> o início da heterossexualidade genital na adolescência se inicia a partir de vivências homossexuais, especialmente na fase da adolescência inicial, aproximadamente aos 12 anos, e que vai se resolver

---

<sup>1</sup> Psicanalista, doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Université Paris 7 – Denis Diderot, Membro da Rede Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, Membro do Conselho Editorial da Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

por volta dos 18 anos de idade, no final da adolescência. O que acontece nessa fase é a reedição do complexo de Édipo, quando a adolescente terá que deslocar seu desejo inconsciente pelo genitor para a melhor amiga. É o momento em que a adolescente se une a uma amiga inseparável e passa a existir de certa forma, uma brincadeira sexual em que a adolescente se coloca no lugar do sexo oposto para entender imaginariamente como é ser como ele. Este mecanismo pode ser uma defesa contra a ansiedade do contato direto com um objeto sexual desconhecido. Portanto, comportamentos homossexuais na adolescência não determinam a orientação sexual dos sujeitos.



#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo foi realizado com base em observações, pesquisas e dados levantados no decorrer do estágio institucional supervisionado do curso de Psicopedagogia da Universidade Tuiuti do Paraná, na cidade de Curitiba. Os conceitos do campo teórico foram confrontados com a prática a partir das percepções do cotidiano vivenciado na república.

## 5. CONCLUSÃO

A busca pela compreensão do comportamento humano tem seus primórdios na antiguidade. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles já se dedicavam na tentativa de compreender como se dava o funcionamento da mente dos conquistadores gregos.

O principal instrumento para essa compreensão é a observação, que na prática psicopedagógica deve ter uma postura clínica. É necessário prestar muita atenção em todos os movimentos, em toda a dinâmica da instituição, para decifrar a mensagem obscura passada por esse sujeito. No caso específico da República o interesse recaiu especialmente na figura das educadoras.

As expectativas do adulto em relação ao adolescente são permeadas pelas suas próprias experiências e pelos valores simbólicos que ele atribui aos fatos sendo deixada de lado a subjetividade de cada um que poderá ou não corresponder a essas expectativas. A Psicopedagogia leva em conta a individualidade do sujeito e sua relação com o outro e com mundo, entendendo que, as estruturas complexas de que é formado o ser humano não permitem avaliá-lo apenas pelos aspectos biológicos e cognitivos. Atitudes e palavras podem revelar aspectos psíquicos ocultos que estão causando um desconforto e exigindo uma solução.

Diante desse desafio é preciso ampliar nossos conhecimentos de forma a criar uma condição para um novo modo de ver e entender além daquilo que é visível aos olhos. Lançar um novo olhar de análise sobre o comportamento humano é uma quebra de paradigmas. É colocar em xeque nossas crenças. Mas não dá mais para produzir um resultado positivo de ação socioeducativa se não forem levados em conta os aspectos emocionais, em especial dessas adolescentes, que vem de famílias desestruturadas, com a auto-estima baixa, sem muitas expectativas para o futuro.

A falta de conhecimento dos aspectos que envolvem o relacionamento humano, principalmente quando envolvem adolescentes, pode ser a grande responsável pelos conflitos desgastantes, o sentimento de impotência frente aos desafios. Em instituições como a República de Meninas, os processos emocionais são mais relevantes que os intelectuais, daí a importância de ter acesso a teorias que estudem as emoções como a Psicanálise, por exemplo, que possibilita a compreensão de comportamentos atuais introjetados há muito tempo pela história

de cada uma, como o caso da relação transferencial presente nas relações humanas. Não compete à educadora analisar e interpretar a transferência, mas entender que ela faz parte de um processo pelo qual os desejos inconscientes se dirigem a determinados objetos. Sabendo disso, ao identificar esse tipo de comportamento a educadora não se coloca como vítima, nem reprime de forma enérgica, simplesmente evita as situações adversas semelhantes que possam provocá-lo.

A Psicanálise, infelizmente é uma teoria ainda desprezada por parte das educadoras. Há uma rejeição à hipótese de que existe um inconsciente ativo que controla nossa vida, e mais absurdo parece ainda admitir que somos seres regidos pelo princípio do prazer. Ao desprezar essas possibilidades, a educadora acredita que pode ter o controle das repercussões que seus ensinamentos terão nas educandas. Ela elabora uma metodologia que implica em ordem, previsibilidade e o resultado acaba sendo desastroso tanto para a educanda que não consegue se adaptar às atividades, quanto para a educadora, que se sente frustrada por não atingir seus objetivos. Quando ocorre essa interatividade concentrada/pesada/obrigatória entre várias pessoas em um mesmo ambiente, a possibilidade de existirem conflitos, falhas de comunicação e interpretação, aumenta.

Quanto maior a compreensão que alguém tem sobre suas motivações conscientes e inconscientes, maior a liberdade de escolha sobre atitudes e formas de comportamento. O conhecimento teórico e o auto-conhecimento mais aprimorado facilitam um inter-relacionamento mais harmonioso.

Uma capacitação para as educadoras utilizando uma ação psicopedagógica preventiva pode oferecer novas modalidades de ação, contribuindo para a resolução das situações conflituosas de uma forma mais eficaz. É possível também fornecer alguns instrumentos para que as educadoras percebam quando uma situação requer a intervenção de outros profissionais e solicitem os encaminhamentos necessários.

É necessário pensar na preparação dos profissionais que atuarão com crianças e adolescentes, especialmente com estas que tiveram seus direitos violados, seus sonhos interrompidos e buscam seu lugar no mundo.

## REFERÊNCIAS

BENTO, Victor Eduardo Silva. *Formulando uma Psicopatologia Fundamental Justificando-a e Ilustrando-a a partir da Psicanálise da Adolescência de Dora*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 1, nº 4, p. 11 – 29, 1998.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, pag. 13563 coluna 2, 16 de julho, 1990.

FREUD, Sigmund, *Metapsicologia*, Rio de Janeiro: Imago, 1974. livro 11. 184 p. (Pequena Coleção das Obras de Freud). Extraídos da edição standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud; Coleção dirigida por Jayme Salomão: Notas e comentários por James Strachey.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume VII Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. O manejo da interpretação de sonhos na Psicanálise. In: \_\_\_\_\_ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. In: \_\_\_\_\_ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Uma nota sobre o inconsciente. In: \_\_\_\_\_ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: \_\_\_\_\_ *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1930) O mal estar da civilização. In: \_\_\_\_\_ *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund (1930) Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_ *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

JERUSALINSKY, Alfredo Nestor. *Seminários III. Razão e método para apresentação de casos clínicos*. São Paulo: Lugar de Vida, 2004.

KUPFER, Maria Cristina, *Freud e a Educação – o Mestre do Impossível*, Rio de Janeiro: Scipicione, 1984.

MINICUCCI, Agostinho, *Dinâmicas de Grupo – Teorias e Sistemas*, São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987 2ª edição.

PETRI, Renata, *Psicanálise e Educação no Tratamento da Psicose Infantil*, São Paulo: Anna Blume, 2003.

VORCARO, Angela Maria Resende, *Crianças na Psicanálise: Clínica, Instituição, Laço Social*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1990.

WALLON, Henri Paul Hyacinthe, *Psicologia e educação da infância*, Estampa, Lisboa, 1975.